

TRADIÇÃO E FORMULAICIDADE EM TEXTOS DA RELIGIOSIDADE POPULAR

Lucrecio Araújo Sá Júnior¹
Elisângela Tavares Dias²

Resumo: Neste estudo tomamos a noção de formulaicidade para compreender como se operam os textos dos autos natalinos brasileiros, reiterados em outras performances tradicionais das culturas populares. O uso de expressões fraseológicas se faz como Tradições Discursivas Oraís que se configuram através da cadeia da oralidade popular, que, segundo Xatara e Oliveira (2008), constituem-se como unidades lexicais fixas, consagradas por falantes de uma língua, que as recolhem a partir de experiências vividas, formulando enunciados figurados, sucintos e completos, com o intuito de ensinar, mitigar, aconselhar, admoestar, repreender, persuadir, etc. Nas Folias de Reis, a relação entre a igreja e a vivência popular é representada pela palavra que se enuncia como lembrança, memória-em-ato, ressonância ilimitada no curso de si (ZUMTHOR, 2010, p. 12). Nessa perspectiva, a plurissignificação fraseológica na religiosidade popular vislumbra sua representatividade, nitidamente observável pelos significados que esta carrega. Neste trabalho, fazemos um breve levantamento dos constituintes discursivos de base sociocultural, a fim de demonstrarmos que as expressões fraseológicas dentro das Folias de Reis encontram-se cristalizadas e recorrentes, mas que se podem ter graus distintos de fixidez lexicais. Além disso, observamos que essas construções fraseológicas são, em rigor, aquelas estabilizadas pela língua/linguagem, mas estas não se cristalizam a um tipo de texto específico, uma vez que são absorvidas por uma comunidade linguística, considerando a sintonia entre a sua produção e obviamente o seu uso em situação de performance. E disso, resultam constituintes específicos que envolvem as propriedades para seleção das bases semânticas, sintáticas, fonológicas e lexicais (BRAGANÇA JÚNIOR, 1999, p. 8).

PALAVRAS-CHAVES: Formulaicidade; Fraseologia; Tradição oral; Folia de Reis; Religiosidade Popular

Abstract: In this study, the notion of formulaicity was taken to comprehend how Brazilian carols operate, reiterated by other traditional performances of popular cultures. The use of phraseological expressions is made by Oral Discursive Traditions that are configured through a chain of popular orality, which, by Xatara and Oliveira (2008), are constituted by fixed lexical units, ratified by speakers from a language, which they recall from living experiences, formulating figured sentences, short and complete, intended to teach, to appease, to advise, to bother, to reproach, to persuade, etc. On “Folia de Reis”, the relationship between popular local experience and the Church is represented by the word enunciated as regards, memory-in-act, unlimited resonance in the course of itself (ZUMTHOR, 2010, p. 12). In this perspective, the multiple phraseological meaning in popular religiosity foresees its representativeness, clearly observable by the

¹ Doutor pela UFPB com estágio na Universidade de Lisboa pelo Programa de Doutorado no Exterior - PDEE/CAPES. É Professor Adjunto I da UFRN - Campus I Natal. Atualmente trabalha em Filosofia da Linguagem, Linguística e Educação nos seguintes temas: Atos de fala, Tradições Discursivas, Formação de Professores e Ensino de Filosofia. lucrecio.sa@gmail.com

² Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) – UFRN. tdelys@hotmail.com.

meanings that it carries along. In this work, a brief summary of discursive constituents from sociocultural basis is made to show that the phraseological expressions in “Folia de Reis” are fixed and recurrent, but they can have different degrees of lexical fixity. Besides, these phraseological constructions into “Folia de Reis” can be observed to be, rigorously, those which are stabilized by idiom/language, but they are not attached to a specific text, as it is absorbed by a linguistic community, considering the connection between its production and, obviously, its use in situation of performance. From that resulted specific constituents which enfold the properties to select semantic, syntactic, phonological and lexical bases (BRAGANÇA JÚNIOR, 1999, P. 8)

KEYWORDS: Formulaicity; Phraseological; Popular Orality; Folia de Reis; Popular Religiosity.

1. Introdução

“O sujeito é verdadeiramente o criador de imagens”. É assim que Bachelard (BARBOSA, 1996, p. 31) admite, a despeito do método fenomenológico, que é o sujeito quem as cria como *acontecimentos súbitos* (ibidem) da/na vida. Esta concepção desvela sumariamente uma vivência, muitas vezes, metaforizada da realidade pela oralidade.

Essa realidade imagética fecunda o processo inicial do ritual de um evento profanoreligioso como é o caso dos folguedos natalinos, e mais especificamente das Folias de Reis (FR). Isso porque, a despeito da progênie e originalidade do evento, a imagem é além de um produto da alma e das emoções do próprio ser, a construção planejada aprioristicamente pelos envolvidos no evento, refletindo emoções e histórias; suas reminiscências, produtos da atividade mnemônica cultural. Dito de outro modo, existe entre os participantes da folia um contrato que metaforiza uma realidade pré-construída pelos sujeitos desse ato e recupera sua tradição histórico-cultural e religiosa por seu imaginário social e cultural.

Embora interligadas, a imagem, imaginação e imaginário bachelardiana sustentam-se pelo fato de que o imaginário alicerça a imaginação e não o contrário (ibidem, p. 35), engendrando, nessa perspectiva, a performance ritualística a que se propõe o rito. E, nesse caso, a preocupação não se norteia nessa construção desse contrato, mas na restituição do enredo bíblico proposto pelo imaginário popular.

À primeira vista, o imaginário popular (re)conhece a natureza do ritual e disso repousa nossa hipótese inicial que se ampara na formulaicidade textual dos cantos das FR, reiterada em outras performances tradicionais das culturas populares. Nessa senda, o ritual no sentido religioso *stricto*, enquanto poema oral, repousa presença/ausência do sagrado (ZUMTHOR, 2000, p. 53) e dessa simbiose perfaz-se o canto profano de alguns folguedos brasileiros que mescla vivências cotidianas, sincretismos religiosos, nomadismos e movência linguística e, conseqüentemente, convergem na *ritualização da linguagem* (ibidem). Significa então insinuar, grosso modo, que dada essa movência a formulaicidade expressa no poema oral, conquanto *continuum* da oralidade, repete-se e traduz-se em tradições discursivas (TD).

2. As múltiplas faces de uma mesma ideia

O debate sobre a oralidade tem incidido ultimamente no bojo da Linguística no campo da variação, em suas especificidades de permanência e mudança, quer pela diacronia ou sincronia (CARVALHO, 1987, p. 93), pelas quais as transformações têm ocorrido concretamente. Em termos linguísticos, não se tratam, nessas transformações, de uma ruptura sistêmica. O reconhecimento da língua, enquanto instituição social e *acervo linguístico* (ibidem, p. 62) e da fala e de sua representatividade, vivifica a partir das relações sociais, culturais e históricas, dentro de um *cronotopo* distinto e professam uma prática discursiva entre os indivíduos.

Em rigor, é fácil compreender a linguagem como suporte de pensamento e, portanto, substrato comunicativo e expressivo do indivíduo, levando-se em consideração que na linguagem o “novo não é uma moda” (BARTHES, 1973, p. 82), mas valorado como fundamento para qualquer crítica. Aventamos, sumariamente, um olhar para a religiosidade popular, no qual suas raízes subjazem à necessidade da expressividade dos falantes nativos de uma língua e assegura pela oralidade o resgate mnemônico e sua continuidade.

Tomamos a noção paremiológica, ou frases proverbiais, para compreender como se processa a formulaicidade textual, em que tais fraseologias, ou frases feitas, presentes nas Folias de Reis justificam-se pelas TD como fenômeno reiterado. Nosso intuito, nesse caso, não é oferecer um caráter conceitual, mas, paradoxalmente, precisamos fazê-lo, grosso modo, para que se perceba àquilo a que nos propomos. Para tentarmos corroborar nosso ponto de vista, utilizamo-nos desta ciência que se ocupa em descrever, classificar, bem como sua etimologia e pragmática, numa busca de evidenciar os provérbios que, segundo Bragança Júnior (1999, p. 5), é a

Sabedoria advinda do conhecimento divino e a cultura laica de tradição eminentemente greco-romana [que] configurou-se, através de exercícios escolares de escrita com finalidade mnemônica, o discurso proverbial intelectualizado, em forma metrificada, que deveria ser aplicado à realidade concreta do dia-a-dia. Em muitos casos, frutos de uma vivência popular, porém em muitos outros adaptados ao longo dos séculos para justificar uma primazia político-ideológica, os provérbios revelam, pelo menos, os subterrâneos de um discurso de dominação.

As parêmias, desse modo, segundo Xatara e Oliveira (2008, p. 19), constituem-se como unidades léxicas fraseológicas fixas, consagradas por falantes de uma língua, e recolhem-nas a partir de experiências vividas, formulando-as como enunciados figurados, sucintos e completos, com o intuito de ensinar, mitigar, aconselhar, admoestar, repreender, persuadir, etc. Disso, resulta num constituinte que envolve propriedades semânticas, sintáticas, fonológicas e lexicais (BRAGANÇA JÚNIOR, 1999, p. 8). Note-se que, no caso das FR, é intento essa dual relação entre igreja e vivência popular, representadas pela palavra que “se enuncia como lembrança, memória-em-ato, ressonância ilimitada no curso

de si” (ZUMTHOR, 2010, p. 12). Destarte, Bragança Júnior (ibidem, p. 23) sugere que é pela palavra bíblica que se

Assumia o papel de instância primeira e última para o homem medieval³. Como ponto de partida, as Sagradas Escrituras e como ponto de chegada a própria vida, por elas regulamentada de acordo com a interpretação da Igreja. Os exemplos de Cristo, dos santos e dos papas serviam de guias práticos de moral. Naqueles tempos, ser sábio era seguir e usar em sua vida diária a palavra de Deus.

Cabe ressaltar, ainda, que para o autor (ibidem, p. 29) o que o provérbio intenta é advertir, apregoar, visto serem “reflexos incontestáveis de uma sociedade conduzida pela palavra de Deus e pela escritura da Igreja” (ibidem, p. 36). Nessa perspectiva, a plurissignificação fraseológica proverbial vislumbra sua representatividade na religiosidade popular, nitidamente observável nas FR, pelos traços semânticos que esta carrega. As construções fraseológicas são, em rigor, aquelas estabilizadas pela língua(gem) e absorvidas por uma comunidade linguística. Todavia, é preciso uma sintonia entre a sua compreensão e obviamente o seu uso. Far-se-á necessário uma base sociocultural e histórica comum para sua apreensão.

Nas FR as construções sintáticas não são tão elaboradas como os provérbios medievos, por exemplo. Isso porque os cantos pertencem à oralidade e partem do pressuposto de que por serem, muitas vezes, repetitivos, peculiares à fala⁴, segundo alguns foliões brasileiros, devam ficar no registro da memória.

Certamente, é o que Antonio Cândido (1992, p. 16) pressupõe como “vocalização para a brevidade numa busca do efeito máximo por meio dos recursos mínimos”, resultando, com isso, em mobilidade cronotópica do canto que permanece como *eco fixo da voz* (ZUMTHOR, 2010, p. 27), efeito da evocação e da repetição que se transforma em tradição (SÁ JÚNIOR⁵, 2012), e se transporta pelo processo de *movência* (ZUMTHOR, 2000).

Cumprido, então, realçar que é pela voz que, segundo o autor (idem, 2005, p. 120), o texto se evoca e isso acontece por ser esta *algo físico e de qualidades mensuráveis concretas* que expandem o canto das FR, preenchendo no espaço acústico o seu decurso. Nesse tocante, cabe salientar que as expressões fraseológicas dentro das FR mostram-se cristalizadas e recorrentes, mas, igualmente, podem ter graus distintos de fixidez lexicais. Dito de outra maneira, observamos, por exemplo, em FR brasileiras construções do tipo:

(i) **FR em Jaguaruana (CE)**

³ No caso das FR, esta representação é mais constante. É claro que há uma fusão de abordagens sacro-profanas, mas é no teor bíblico onde se concentram as matizes para as canções desses folgedos natalinos.

⁴ Em nossas pesquisas, encontramos muitas dissertações disponíveis sobre FR. Entretanto, seu teor versa sobre a história destas folias e não sobre seu canto. Nosso intuito, portanto, é estudar os processos de permanência e mudança desses cantos.

⁵ SÁ JÚNIOR, 2012. Em conferência pública.

Meu Senhor dono da casa **abre a porta e acende a luz,**
Venho pedir uma esmola pelo nome de Jesus.

[Recolha de Oswaldo Barroso - 2006]

(ii) **FR de São João de Petrópolis da cidade de Santa Tereza (ES)**

Meu senhor dono da casa,/Abre a porta e acende a
luz,
Venha receber na porta/O coração do bom Jesus.

[Recolha de Wagner Neves Diniz Chaves - 2003]

(iii) **FR da Família Dias (SC)**

Abre a porta e acende a luz/ Abre a porta e acende a luz. Vamos louvar a
Jesus.

[Recolha de Maria Luiza dos Santos Silva - 2006]

(iv) **FR em Quixeramobim (Piauí)**

Ó de casa/ Ó de fora / Mãe Jerônimo está aí?/ É o cravo/ É a rosa/ É a flor do
bugari/ Esta casa esta bem feita/ Por dentro cravos e rosas/Por fora manjeriçãõ”
e “Senhora dona da casa/ **Abra a porta/ Acenda a luz/** Venha ver o Santo Reis/
Fazendo o sinal da cruz”.

[Recolha de Ailton Brasil em CD⁶]

(vi) **FR de Jaguaruara (CE)**

Ê Boi! Ê Boi!/Ê Boi! Minha senhora,/Abra a porta do jardim,/Que meu Boi
chegou agora./Senhora dona da casa/**Abra a porta acenda a luz.**

⁶ Disponível em: <http://www2.secult.ce.gov.br/clipping/clipping.asp?codigo=19205>. Acesso em 22 de junho de 2012 e através de contato telefônico e e-mail em 2012.

A fraseologia ainda se inscreve no campo da indefinição unânime conceitual⁷. Entretanto, há sintonia entre seus pesquisadores: quer duas ou mais unidades lexicais mantenham ligações sintático-semânticas, seu sentido só poderá ser apreendido no contexto em que esta se encontra. E é justamente nesse ponto que se salvaguarda a formulaicidade textual: sua relação prototípica se insere na fraseologia a partir dessa constituição frasal proverbial existente nas FR.

Não obstante, a obra vocal, circunscrita na memória popular, através de seus cantos, fundamenta-se por expressões desse relevo e, evidentemente, aventamos essa cadeia proverbial por serem “composições coletivas, anônimas, e altamente variáveis nas suas ocorrências” (SÁ JÚNIOR⁸, 2012, p. 190).

Tecidas essas considerações, corroboramos Lopes (1992, 10) ao conferir que os “provérbios⁹ circulam sempre como textos anônimos, veiculados oralmente”. Nesse caso,

Em todas as línguas há 'expressões fixas', sintagmas que funcionam como um bloco coeso, de extensão variável. Não são expressões formadas livremente no acto de fala, mas sim estruturas pré-construídas, combinações que o falante se limita a reproduzir como unidades compactas que integram a sua competência linguística (ibidem, p. 13).

Eis a comprovação de que precisamos para aventar que os provérbios a que nos referimos não são tão-somente as frases consagradas e tradicionais tão costumeiramente ouvidas na circulação social e discursiva como, por exemplo,

- (i) A quem sabe esperar o tempo abre as portas.
- (ii) Antes de começar o trabalho de modificar o mundo, dê três voltas dentro de sua casa.
- (iii) Bondade em balde é devolvida em barril.

⁷ FONSECA, H C. **Fraseologismos zoônimos: elaboração de base de dados português/francês** – UNESP. Anais do SILEL. Vol II, Nº 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/625.pdf>

⁸ PINTO CORREIA, J. D. **Os gêneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação**. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Revista Internacional de Língua Portuguesa. O foco: literatura popular. julho, 1993. nº 9.

⁹ A autora sinaliza outros sinônimos como adágio, rifão, ditado e anexim e Bragança Júnior (1999, p. 6-7) sugere como - provérbio. [Do lat. proverbiu.] s.m. 1. Máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens; adágio, ditado, anexim, refrão, rifão... 2. Pequena comédia que tem por tema o desenvolvimento de um provérbio. ¹⁰ SÁ JÚNIOR, 2012. Em conferência pública.

Mas, sobretudo, as que possuem um caráter moralizante, pedagógico e ideológico¹⁰ como as que são encontrados no Boi de Reis (BoiR):

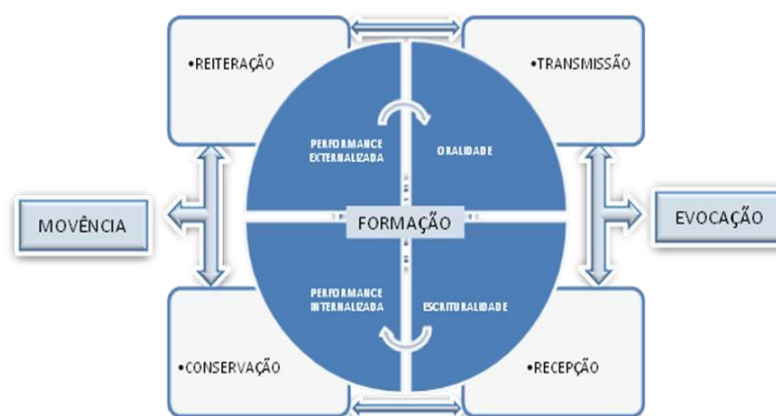
- (i) Bate asa e canta o galo; A noite grande vigia [ou, ainda],
- (ii) Ai, Deus vos salve a casa santa/Ai, onde Deus fez a morada, ai e em Deus lhe pague a bela oferta, dada de bom coração, respectivamente.

3. Na boca do povo, louvado seja

As discussões acerca das TD fundamentam-se na relação de um texto com outros, estabelecida pela repetição total ou parcial, seja pela reiteração de uma mesma estrutura textual, seja pela recorrência de formas linguísticas e de elementos de conteúdo (JUBRAN, 2010, p.215), que adquire o valor de signo, evocando um padrão de construção textual ou elementos linguísticos caracterizadores (ibidem). Nesse contexto, são compreendidas como atualização e tradição (MARCUSCHI, 2006, JUBRAN, 2010, p. 215-16).

Tomemos como exemplo as propostas de Preti (2011, p. 325) para vivificar as TD. Para ele, a variação surge do tripé *histórico-geográfico-modalidades*. Dito de outro modo: é pelo cronotopo que se verificam variações acontecerem, ao longo do tempo, como igualmente se vê mudanças ocorrerem nas modalidades orais e escritas. Isso é observado factualmente por fatores socioculturais e interacionais (ibidem).

Assim, compreendidos os aspectos que levam à repetição, traduzimos a partir de conceitos zumthorianos na formação do texto e em sua acuidade o seguinte quadro:



Nesse quadro, percebemos o processo pelo qual se dá a repetição linguística. Assim, a formulaicidade coexiste pelas dimensões da *recepção*; *transmissão*; *conservação*; *reiteração* e sinaliza, igualmente, pela emergência da TD, quando reproduz fidedignamente a *evocação* e *movência* da/pela língua/linguagem.

Para uma compreensão mais amíúde, tomamos por empréstimo o que Tannen (JUBRAN, 2010, p. 216) aponta como formulaicidade. Nesse caso, a autora, “propõe um olhar interativo no fazer-dizer formulaico, mostrando a repetição como formulaicidade espontânea na conversação e apontando funções textual-interacionais da repetição”. Isso posto, observamos que na formação de um texto decorrem a transmissão e a recepção que, por sua vez, propicia a conservação e a reiteração, propagadas pela vocalidade em evocação e movência, respectivamente.

Sob o ponto de vista mais formal, as folias de reis apresentam-se como uma TD por conterem estruturas marcadamente fixas e institucionalizadas (MARCUSCHI, 2000). Nesse caso, Gomes (2010, p. 60) esclarece que são *marcas estruturais recorrentes*¹⁰, uma vez que alguns textos seguem o mesmo “padrão de organização, que fixa a quantidade e a extensão dos parágrafos”.

Desse modo, o que se estabelece de mais formulaico é a constituição de seu ritual. Em rigor, numa perspectiva analítica, observamos que é habitual nas FR, seguidamente, o mesmo percurso, quais sejam: início da jornada, chegada, bendito de mesa, pedtório de esmolos, adoração ao menino Jesus, agradecimento, despedida e saída da jornada. Na verdade, em cada evento dessas folias, verificamos a presença da mesma fraseologia marcadamente idêntica ou com algum grau de variação e daí emergir, por ora, a discussão sobre as parêmias.

(FR do Mestre Tachico – RJ)

Pai e Filho Espírito Santo/que seja nossa guia

(FR de Mossâmedes – GO)

Pai, o Filho e Espírito Santo/Pra livrar de grande azar.

(FR de Mossâmedes – GO)

Pai e Filho, Espírito Santo/Louvado seja o Bendito.

(FR de Jaraguá – GO)

Pai, filho, Espírito Santo/Pra sempre, amém, Jesus.

(FR da família Corrêa de Goianira – GO)

¹⁰ A autora se refere à sua pesquisa sobre editoriais de jornais. Tomamos por empréstimo a citação por considerar fiel à nossa análise.

Pai, filho e Espírito Santo/Dai- me forças pra cantar

(FR Estrela do Mar – ES)

Pai e filho Espírito Santo/Para sempre Deus amém

Outro aspecto formulaico observado em sua microestrutura converge para a estrutura sintática. Ou seja, as repetições lexicais observadas recaem para o uso habitual das interjeições, quer por sua função persuasiva, injuntiva, ou apenas por despertar a curiosidade e atenção. Nesse caso, sua ocorrência é um reproduzir “tomadas de posição com um teor mais pessoal e informal e indica um clima de maior naturalidade e espontaneidade para envolver o interlocutor” (GOMES, 2010, p. 68). Outro aspecto relevante pontual são as diversidades interjeitivas existentes. Distribuem-se por modalidades exclamativas (**Ai**, ô que hora abençoada/**Ah**, que nasceu Menino Deus/ **Oh** glórias! Santos Reis); optativas (Pai trouxe um ano bom, **ai, ai, eh...**); imperativas (**Viva** o Menino Jesus! **Viva!**/**Ai**, já podemos levantar/**Ô** de casa, **ô** de fora); com estribilho (Os Três Reis aqui chegou, **ai, lá, lá, lá**), etc.

A primazia pela simplicidade na linguagem é um fator observável nos cantos. Sobretudo, quando se trata do engajamento performático do intérprete. Isso porque, mesmo no improvisado, muitas vezes, o ritual busca envolver o seu receptor com sua teatralização. Nesse caso, a reiterada presença das interjeições objetiva esse intento, uma vez que elas são compreendidas sistemicamente sob o ponto de vista emocional (ibidem, p. 52).

A autora apregoa que a ocorrência das interjeições se dá “porque reproduz tomadas de posição com um teor mais pessoal e informal e indica um clima de maior naturalidade e espontaneidade para envolver o interlocutor” (ibidem). É possível, dessa constatação, aduzir que essa informalidade verifica a capacidade da performance atuar na/pela linguagem

Tais fórmulas fraseológicas nos permitem perceber a interação comunicativa entre os participantes desse evento por uma *reflexividade enunciativa* que concomitantemente age com “o trabalho linguístico, o interdiscurso, a memória cultural e com os elementos pré-construídos dispostos na sociedade” (CAZELATO, 2006). Em termos gerais, essas fórmulas transmutadas, a nosso ver, em provérbios mostram-se cristalizadas e com sentidos metafóricos que implicam conhecimento de mundo, processos intertextuais e inferência dos interlocutores em sua manipulação e interpretação (ibidem).

Acrescente-se a isso a associação à movência zumthoriana. Nela, o nomadismo textual ocorre pela tradição – sendo a voz o seu instrumento – do murmúrio secular, que certamente é percebida pela reverberação das vozes em seus discursos, combinando reprodução e mudança (ZUMTHOR, 1993, p. 145) numa criação contínua mnemônica. As vozes falam, ecoam, cantam, retêm ecos fragmentados pela tradição e ressoam numa corrente de oralidade/escrituralidade, por vezes, não idênticos, mas que carregam verossimilhanças na circularidade do discurso.

4. Considerações finais

Fizemos, no início, um recorte sobre as fraseologias (frases feitas) e paremiologias (frases proverbiais) para dialogar como a formulaicidade textual, presentes nas folias de reis brasileiras, manifesta sua movência e evocação textual – produtos da transmissão, recepção, conservação e reiteração, respectivamente. Por sua abrangência, as expressões formulaicas são constituintes de índices de conhecimento partilhado pelos falantes e garante, no contexto cultural, a herança linguística vivificada pelas tradições discursivas. Nesse caso, tomamos o tripé bachelardiano, imagem/imaginário/imaginação, pois conduz e corrobora nossa hipótese inicial: os textos da religiosidade popular carregam em seu imaginário muitas expressões formulaicas que se repetem em um cronotopo distinto. Assim, o trabalho incute uma discussão, preliminar, às fórmulas linguísticas, presentes na oralidade, e nos aponta marcas socioculturais e ideológicas dentro desse gênero textual que é, em linhas gerais, uma maneira especular das tradições discursivas orais e rubrica das reminiscências de uma comunidade.

5. Referências

BARBOSA, E. **Gaston Bachelard**: o arauto da pós-modernidade. 2. Ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de Maria Margarida Barahona. São Paulo: Coleção Signos, 1973.

BRAGANÇA JÚNIOR, A. A. **Os provérbios em latim medieval como espelho social** – uma abordagem histórico-linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, 1999. Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_35.pdf. Acesso em 07 de março de 2012.

HORA, D. & SILVA, C. R. Para a História do Português Brasileiro. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010. In: JUBRAN, C. C A. S. **Diacronia dos processos constitutivos do texto**: abordagens e perspectivas, vol. VIII.

CARVALHO, C. de. **Para compreender Saussure**. 5. ed. Coleção Linguagem, nº 28 RJ: Editora Rio, 1987.

CAZELATO, S. E. de O. **A ocorrência espontânea de expressões formulaicas no contexto patológico**: estudo da competência pragmático-discursiva. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Laboratório de Neurolinguística (LABONE/CCA). Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1786-1792, 2006. [1787/1792]

GOMES, V. S. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos**: da forma ao sentido. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, Berlin/New York, 2010.

LOBO, T. Para a história do Português Brasileiro. KABATEK, J In: **Tradições discursivas e mudanças linguísticas**. Salvador: EDUFBA, 2006.

LOPES, A. C. M. **Texto Proverbial Português**: elementos para uma análise semântica e pragmática. Coimbra, 1992 (tese de doutoramento).

LOPES, C. Tradições discursivas e mudanças no sistema pronominal de tratamento no português brasileiro. In: **I Seminário do PHPB no RN**, 2010.

MARTINS, M. A. & TAVARES, M. A. (Org). História do Português brasileiro no RN: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944. In: SÁ JÚNIOR, L. A. **Traços de permanência e mudança da memória ibérica no Rio Grande do Norte**. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

PRETI, D. (Org) Variações na fala e na escrita. In: _____. **A propósito do estudo da variação linguísticas falada, por meio de textos escritos**. NURC/SP: Humanitas, 2011.

SÁ JÚNIOR, L. A. **Traços de permanência e mudança da memória ibérica no Rio Grande do Norte**, UFRN, 2011.

XATARA, C. M & OLIVEIRA, W. L. Novo PIP - Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso (Francês-português / português-francês). 2 ed. Editora da Cultura, 2008.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. P. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. P. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Maria Lúcia Diniz Pochat. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. **Performance, recepção e leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

_____. **Escritura e nomadismo**: entrevistas e ensaios. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz, Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.